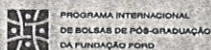


EDUCAÇÃO

ORGANIZADORES

LUIZ ALBERTO OLIVEIRA GONÇALVES
REGINA PAHIM PINTO



Handwritten notes in blue ink at the bottom left of the page, including "Cap. III", "LUIZ ALBERTO OLIVEIRA GONÇALVES", "REGINA PAHIM PINTO", and "EDUCAÇÃO".

Escola, movimento negro e memória: o Treze de Maio em Sorocaba – 1930

Fátima Aparecida Silva

RESUMO

Este trabalho relata, de forma sucinta, parte da pesquisa “Escola, Movimento Negro e Memória: o 13 de Maio em Sorocaba 1930”, destacando o Treze de Maio no contexto da Abolição. Data esta que, posteriormente a 1888, se torna um instrumento de disputa ideológica entre o Estado, o movimento abolicionista e os movimentos negros no Brasil. As reflexões apresentam subsídios que auxiliam no discernimento do âmbito histórico da comemoração do Treze de Maio no espaço escolar e pela Frente Negra Brasileira de Sorocaba na década de 30 do século XX.

PALAVRAS-CHAVE

MEMÓRIA – COMEMORAÇÃO – MOVIMENTO NEGRO – FRENTE NEGRA BRASILEIRA DE SOROCABA

INTRODUÇÃO

Este estudo buscou compreender o processo de produção da memória institucionalizada no espaço escolar e pelo movimento negro, mais precisamente pela Frente Negra Brasileira, a respeito da Abolição, especialmente sobre a data Treze de Maio, na década de 30 do século XX, em Sorocaba, interior de São Paulo. Elegemos a entidade como foco do estudo pela sua importância no cenário nacional e na cidade de Sorocaba. A década de 30, por sua vez, foi o período em que essa entidade esteve ativa, tendo sido fundada em 1931 e extinta em 1936.

Outra razão que nos levou a essa delimitação temporal foi que, na época, a data de Treze de Maio era comemorada com grande mobilização pela Frente Negra Brasileira, postura que se alterou radicalmente nos anos 70. A partir de então, os movimentos negros passaram a propugnar o Vinte de Novembro, dia dedicado ao líder Zumbi dos Palmares, como a data mais significativa para a comunidade negra. Segundo Célia Maria de Azevedo,

Zumbi ganhou vida à medida que os movimentos negros contra o racismo conquistaram espaço no cenário social, resgatando do esquecimento a figura de um líder escravo que ousara dizer não à escravidão que lhe fora imposta pelo poder branco (Azevedo, 2004a, p. 87).

Zumbi é então reverenciado como herói pela sua capacidade de governar uma sociedade de resistência ao escravismo, o Quilombo de Palmares, para onde fugiam escravos, índios e até brancos descontentes, e que demonstrou grande estabilidade institucional, tendo resistido por mais de cem anos. Assim, a data Vinte de Novembro, destacando a figura guerreira de Zumbi dos Palmares, entra no cenário em substituição ao Treze de Maio, que sai de cena juntamente com sua princesa redentora dos escravos: "a princesa Isabel, e o séqüito de abolicionistas perfumados", conforme comentário de Célia Marinho de Azevedo (2004a, p. 87).

O texto divide-se em duas partes: a primeira, analisa a postura da Frente Negra Brasileira de Sorocaba em relação à data; a segunda, o Treze de Maio no espaço escolar, especialmente a interferência do Estado Novo do Governo Getúlio Vargas, ao retirar a data do calendário das comemorações nacionais na década de 30. Finalizando o texto, elaboramos algumas comparações de como a data era vista na escola, na Frente Negra Brasileira de Sorocaba, e tecemos comentários que, entendemos, sejam relevantes.

Para pesquisar a postura da Frente Negra Brasileira de Sorocaba sobre o Treze de Maio, utilizamos os depoimentos e fotografias do arquivo pessoal da Sr^a. Ondina Seabra, negra, professora e participante da entidade na época. Realizamos também visitas a duas escolas da cidade, que funcionavam na década de 30, com vistas a verificar como era comemorada a data e, finalmente, consultamos algumas obras que tratam do tema e que consideramos importantes.

A construção de mitos sobre o Treze de Maio é uma das formas pelas quais a dominação é reproduzida, além do uso de meios coercitivos, pelo convencimento dos considerados "subalternos" da superioridade moral e intelectual dos seus dominadores. A construção ideológica dessa hegemonia seleciona e utiliza determinados mitos, personagens e versões de fatos que, ao mesmo tempo em que oculta outros fatos menos convenientes, produz um sentimento de inferioridade na população negra. Dessa perspectiva é que a análise sobre o Treze de Maio se torna de grande valia para estudar e pesquisar o processo ideológico que perpassa a apropriação da memória da Abolição.

A FRENTE NEGRA BRASILEIRA DE SOROCABA E O TREZE DE MAIO

Vários foram os estudos sobre a Frente Negra Brasileira em seus diferentes aspectos (Pinto, 1993; Guimarães, 2002; Barbosa, 1998). No que diz respeito à organização da Frente Negra Brasileira, em São Paulo, capital do Estado, destaca-se o trabalho de Pinto (1993) que, entre outros temas, tratou das comemorações do Treze de Maio por parte dessa associação.

A proposta da nossa pesquisa não foi realizar um estudo detalhado sobre essa associação, mas trazer para o debate a sua visão sobre o Treze de Maio, aqui representada por uma militante, Sr^a. Ondina Seabra. Essa informante nos deu vários depoimentos sobre as comemorações, promovidas pela Frente Negra por ocasião da data, citando inclusive nomes de pessoas que fizeram parte da entidade. Em especial, destaca a atuação do líder da comunidade negra, Antonio Salerno, diretor da Frente Negra de Sorocaba e presidente da Irmandade de São Benedito nesses eventos.

A seguir, transcrevemos parte dos depoimentos:

Sr^a. Ondina Seabra: [...] Benedito Andrade do Nascimento. Foi feita uma poesia em homenagem a ele, pelo Olimpio Castelo Alves [...] e eu quem declamei, no clube, num salão, que hoje, ou há pouco ainda era uma repartição pública, centralizada na Secretaria da Fazenda, na rua Souza Pereira, era bem ali em frente à Estação Sorocabana, em um daqueles salões, e isso mais ou menos em 30, 32.

Fátima: Era uma comemoração?

Sr^a. Ondina: Eu não me lembro bem, se foi em um Treze de Maio, ou em uma outra data qualquer, que a gente fez esta homenagem ao Benedito Andrade do Nascimento.

Fátima: Mas foi na Frente Negra? Era atividade da Frente Negra?

Sr^a. Ondina: Era atividade da Frente Negra, foi no princípio da Frente Negra de Sorocaba, e eu e mamãe fazíamos parte das comemorações, eu quem fui declamar esta poesia....

Fátima: A mãe da senhora participava da Frente Negra?

Sr^a. Ondina: Participava como voluntária, toda comemoração que tinha no Treze de Maio, ela fazia parte também, então nós íamos de lanterninha, à noite, para as crianças era uma maravilha, e íamos até o teatro municipal, o Teatro São Rafael, hoje é a Fundec, ali que era o teatro de Sorocaba.

Sr^a. Ondina: [...] Quando eu falei nesse grupo, nesse líder que era o Salerno das Neves, ele sempre levou a comunidade negra a se apresentar na sociedade. Então naquelas festas, de Treze de Maio principalmente, é que ele juntava toda sua irmandade e trazia para o centro nos desfiles, com luz, começava aqui no centro o desfile e terminava no prédio da São Rafael, que era na rua Brigadeiro Tobias, hoje o Fundec. Era um teatro muito bonito que existia aqui em Sorocaba, os seus camarotes, as suas cadeiras, suas poltronas todas enfeitadas, todas de veludo. E ali terminava o desfile dos pretos no Treze de Maio. (Depoimentos em 29/11/2004)

A Sr^a. Ondina Seabra descreve o desfile do Treze de Maio, realizado por integrantes da Frente Negra Brasileira de Sorocaba, como um momento em que se refletia sobre a situação do negro em relação ao branco. Destaca ainda o fato de que durante as comemorações alguns oradores exaltavam as figuras de abolicionistas como Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, Luis Gama:

Sr^a. Ondina: [...] Esses desfiles eram feitos à noite. Só desfilava a comunidade negra. E algum simpatizante, algum branco simpatizante, também como sempre aparece algum político, sempre se entrosa nesse meio. Mas eram feitos só por negros. E ali eram feitos os discursos só sobre abolição da escravatura. Quando deveríamos pensar de tocar a nossa vida pra frente? Como dali em diante nós poderíamos viver? Qual era o modo mais fácil de conseguirmos ser livres? Mas até pouco tempo, isso era muito novo. É muito novo se pensar em levantar o negro na mesma condição do branco. Porque existe também muitos negros brancos. Mas cada uma resolve sua vida conforme gosta, conforme quer, conforme pensa. (Depoimento em 29/11/2004)

Sr^a. Ondina: [...] Eu ia com minha mãe em toda comemoração, continuava sendo o baluarte dos negros o Salerno das Neves, que era o nosso líder, um preto grande como o nome diz, gordo, usava aquelas capas enormes assim... (Depoimento em 18/4/2005)

Sr^a. Ondina: [...] No dia da comemoração destacavam-se os nomes dos abolicionistas conforme o orador, que eram: Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, Luiz Gama, entre outros. (Depoimento em 24/5/2005)

Os jornais, por sua vez, fazem referências às comemorações do Treze de Maio em Sorocaba, destacando o papel dos líderes negros na sua organização. Muitas dessas pessoas citadas no trecho que se segue constante do jornal *Cruzeiro do Sul*, de 12 de maio de 1930, teriam papel destacado na Frente Negra de Sorocaba, fundada um pouco depois:

13 de maio

Em todo o paiz passa-se sob a festa o dia de amanhã, que relembra a reabilitação da raça negra, mercê da lei que declarava livre, no Brasil. Em Sorocaba esse acontecimento historico será novamente festejado, congregando-se todos os pretos para a condigna celebração da grande conquista. Encarregam-se dessa commemoração os Srs. Salerno das Neves, Ramiro Parreira, Euclides Madureira, Antônio Santos, Olympio Castelo Alves, Roque Monteiro, Josué Prestes, Abílio Madureira, Isaltino de Arruda, Benedicto de Andadre e Benedicto Francisco Soares, que fizeram o seguinte programma: hoje á noite, grande baile no S. Paphael, amanhã: alvorada de musica, pela S. Cecília, e salva; ás 8, serviço religioso na igreja de S. Antônio, por alma dos cruzados da abolição; á tarde, passeata cívica, cumprimentando-se imprensa, associações e clubes. Aos oradores pretos de Sorocaba deve juntar-se um da capital.

O jazz band flores tocará no baile. O "Cruzeiro" é agradecido pelo attencioso convite que lhe foi remettido. (*Cruzeiro do Sul: Diário da Tarde*, n. 7006, Sorocaba, 12 de maio de 1930)

Outro jornal de 1932 se refere às ações da Frente Negra Brasileira de Sorocaba e cita algumas pessoas que participaram das comemorações do Treze de Maio em data anterior à criação da entidade citada anteriormente no jornal *Cruzeiro do Sul*.

Frente Negra Brasileira

Parte integrante como é de nossa raça o negro, o brasileiro mentiria as suas tradições si o aferrolhasse no torniquete dos preconceitos de cor.

A raça negra encontra, sob o pallio das leis, a protecção e o apoio que nossa pátria sói conceder a todos que trabalham pelo seu engrandecimento.

Mesmo assim, não deixam de haver factos que venham depor contra os nossos hábitos democráticos.

Até há bem pouco era vedado o ingresso do negro ás escolas superiores. Não porque em depositivo legal tal permitisse, mas porque infelizmente alguns espíritos tacanhos apresentavam toda a sorte de difficuldades.

Quase sempre preterido nos cargos electivos, nas repartições publicas no magistério, em todas as manifestações da actividade humana que exija representação social, o homem de cor acabaria por se tornar justamente um revoltado se não foram altíssimas energias de que foi dotado.

Foi pois para reunir e concretisar taes energias, que se fundou a Frente Negra Brasileira.

Seus fins são bem claros: ocorrer em toda parte que se torne mister auxiliar um filiado, amparando-o material e moralmente; desenvolver o espírito de união e concórdia, mostrar em suma as altas possibilidades duma raça que já tem dado ao Brasil filhos ilustres que muito o orgulham.

A Frente Negra Brasileira tem fins altamente patrióticos. Fundando escolas, promovendo sessões cívicas e patrocinando medidas de igual valor intellectual, visando assim concorrer para o erguimento de nosso nivel cultural.

Em Sorocaba a Frente Negra Brasileira despertou o maior entusiasmo, contando já com 420 associados.

E [?] aqui a sede duma Delegação Especial, cuja directoria está assim constituída:

Delegatario Especial, sr. Olympio Moreira da Silva; Delegatario, sr. Benecdito Andrade Nascimento; Secretario, sr. Benedicto Andrade; Thesoureiro, sr. Alfredo Monteiro; Orador, sr. Olympio Castelão Alves; Presidente do conselho, sr. Salerno das Neves; Vice-director, sr. Lucidio de Almeida, Membros do Grande conselho; Benedicto Dias Assumpção, Benedicto Barbosa, Anquilino Aarão Setúbal, João Evangelista, Virgilio Lopes, Isaltino de Arruda, Laerte Cearense, Benedicto Wenceslau M., Luiz Corrêa de Moraes, Mariano Sant'Anna, Luiz de Barros, Leontino, Luiz Lopes e Dino Mascarenhas.

A sede provisória da Delegação Negra de Sorocaba é a rua Santa Clara 175.

Iremos gradativamente dando publicidade aos actos da Delegação, bem como expondo as suas finalidades, que são em these grandiosas por visarem o bem estar individual e colletivo de uma raça. (*O Repórter*, Sorocaba, v. 1, n. 26, p. 2, 15 de maio de 1932)

Os depoimentos da Sr^a Ondina Seabra, antes citados, sobre as comemorações do Treze de Maio na década de 1930, em Sorocaba, reiteram as constatações de Pinto sobre a importância que as entidades negras atribuíam ao evento na cidade de São Paulo na mesma época.

[...] As comemorações envolviam uma série de festividades, desde o seu anuncio solene, salva de tiros, peregrinação ao túmulo dos abolicionistas, desfiles de bandas musicais, celebração de missa, realização de passeatas. Nessas ocasiões, comumente, discursavam vários oradores, inclusive autoridades, lembrando o fato; faziam-se visitas às redações dos jornais; organizavam-se sessões solenes, quando também discursavam vários oradores, e pessoas presentes declaravam poesias. Completando essas atividades cívicas, havia a parte social, com a realização de banquetes, recepções, competições esportivas, leilões, que, na maior parte das vezes, encerravam-se com um baile. Nessas ocasiões, as diversas sociedades e também os jornais enviavam representantes à cerimônia. Personalidades do mundo literário e político, eventualmente, também compareciam. (Pinto, 1993, p. 137).

Um ponto que merece atenção em um dos depoimentos da Sr^a Ondina Seabra é a ênfase que a Frente Negra dá aos abolicionistas na libertação dos escravos. Para compreender esse destaque, recorreremos ao estudo de Pinto (1993), que versa sobre as reflexões que se faziam acerca do tema

no meio acadêmico na década de 1930. A propósito, a autora indaga até que ponto o negro teria condições de ir além de uma percepção de passividade do escravo, uma vez que só recentemente os estudos começam a contestá-la e a enfatizar a questão da resistência. Pondera ainda que mesmo entre os que enfatizam essa resistência há uma tendência em negar o seu sentido político, como ocorre com a historiografia de influência marxista. Recorrendo a autores como Célia Azevedo e Sidney Chalhoub, discute a influência do ideário marxista nessa interpretação e de como a preocupação em apresentar o movimento da história à luz da luta de classes leva os seus adeptos a adotar uma postura racionalista e reducionista que se remete à estrutura econômica para explicar os acontecimentos históricos (Azevedo, Chalhoub, apud Pinto, 1993).

Nesse esquema de pensamento, a queda do regime escravista é explicada em razão das contradições objetivas, percebidas principalmente pela classe dominante e classe média nascente por estarem inseridas em relações de produção que tinham o seu desenvolvimento emperrado por estrutura escravista. Os escravos são apresentados como alienados e sem possibilidade de alcançarem, por si, uma consciência de classe, ou de emprestarem um significado político aos seus atos de protesto (Pinto, 1993).

Enfim, o corte que os estudos empreendiam, ao focalizar o processo de libertação dos escravos centrado na atuação dos abolicionistas, reflete a pouca atenção à contribuição do negro para a derrota da escravidão no Brasil e que, segundo estudos mais recentes, foi significativa. A propósito, Azevedo (2004b), uma das estudiosas do tema, demonstra como as revoltas dos escravos ocorridas nas fazendas e vilas, sobretudo em 1870, influíram nas decisões importantes para coibir o tráfico de escravos em todo o Brasil, e geraram medo no governo monárquico e na elite escravista. Contexto esse em que surge uma corrente da política imigrantista, de caráter racista, que traz no seu bojo a crença sobre a inferioridade do negro e a superioridade do branco, com graves consequências para a população negra, pós-abolição.

Esse e outros estudos de autoria de Célia Marinho de Azevedo, como *Abolicionismo Estados Unidos e Brasil, uma história comparada* (2003) e *Anti-racismo e seus paradoxos: reflexões sobre cota racial, raça e racismo* (2004a), elucidam questões importantes sobre o Treze de Maio no Brasil. Sobretudo, mostram que a abolição dos escravos não ocorreu somente pela pressão dos abolicionistas urbanos, mas, também, devido

à pressão de um movimento insurrecional negro abrangente. Por sua vez, as manifestações dos ex-escravos nas ruas após o Treze de Maio, que foram inclusive reprimidas pela polícia, mostram o negro como um sujeito histórico que lutou para se livrar da escravidão.

É nesse cenário pós-abolição que a construção da memória histórica e política desse marco passa a ser disputada por monarquistas e republicanos. Enquanto os monarquistas destacam a redenção dos escravos pela Princesa Isabel, os republicanos enfatizam o esforço de abolicionistas heróicos no processo da abolição (Azevedo, 2004a, p. 92).

Nas duas versões (monarquistas e republicanos), a história do escravo como sujeito ativo da sua libertação está ausente, sendo "reduzido à figura de um ser passivo, inferiorizado não só pelos séculos de vivência no cativeiro, como também devido ao seu suposto pertencimento a uma raça inferior" (Azevedo, 2004a, p. 92).

Enfim, ambas as versões representam a redenção dos escravos como um ato benemérito de homens brancos progressistas e humanitários, com apoio de alguns abolicionistas "mulatos". Com o passar do tempo, as divisões partidárias perderam força, mas a visão do negro de raça inferior, redimida pelo branco de raça superior, perdura até hoje na historiografia brasileira (Azevedo, 2004a, p. 24).

Segundo Munanga e Gomes (2004), durante muito tempo, a data Treze de Maio era lembrada quando se realizava alguma comemoração sobre o negro no Brasil, "nas escolas era comum que as crianças se fantasiassem de escravos e uma menina branca, e, de preferência loura, era escolhida para representar a princesa Isabel" (Munanga, Gomes, 2004, p. 129), nada se estudava sobre a resistência e luta por parte dos africanos escravizados e seus descendentes nascidos no Brasil. Entretanto, esse panorama tende a mudar, quando entidades do movimento negro, surgidas a partir dos anos 70 do século XX, passam a atribuir outro significado ao Treze de Maio, "vendo-o como um dia nacional de luta contra o racismo" (Munanga, Gomes, 2004, p. 130) e propugnando que a data não deveria ser lembrada, uma vez que enfatizava a suposta passividade do negro diante da ação do branco. Além disso, o movimento negro trouxe para a sociedade brasileira uma data mais importante a ser lembrada e comemorada, o dia 20 de novembro, dedicado a Zumbi dos Palmares. Segundo Azevedo, Zumbi ganhou vida no cenário social, os movimentos negros resgataram "do esquecimento a figura

de um líder escravo que ousara dizer não à escravidão que lhe fora imposta pelo poder branco” (Azevedo, 2004a, p. 87).

1930: O TREZE DE MAIO NO ESPAÇO ESCOLAR

Para entendermos as concepções que vigoravam sobre o Treze de Maio nas instituições escolares em Sorocaba, visitamos duas escolas públicas que existiam desde a década de 30 na cidade: Escola Estadual Júlio Prestes de Albuquerque e Escola Antônio Padilha. Nesses estabelecimentos, constatamos a ausência de registro sobre as comemorações do Treze de Maio, pois, segundo informações que nos foram dadas pelo diretor, a data não constava do calendário escolar como feriado nacional. Artigo do jornal *Correio de Sorocaba*, n. 1223, de 14 de maio de 1936, reitera essa informação ao lamentar o fato de a data não ser mais considerada feriado. O jornal, do mesmo modo que a Frente Negra, destaca abolicionistas como Luiz Gama, José do Patrocínio, Castro Alves e a sua luta em prol da abolição:

13 de Maio

Comemorou-se em todo o paiz a data da abolição da escravidão, sempre grata aos brasileiros e principalmente a raça negra, pela brilhante campanha de justiça que simboliza.

13 de Maio relembra uma das mais grandiosas cruzadas cívicas de nossa História, e embora lhe hajam tirado o feriado, será sempre comemorado pelo nosso povo como uma das mais esplêndidas efemerides nacionais. Luiz Gama, José do Patrocínio, e outros tantos ilustres batalhadores entre os quais se destaca a figura impressionante de Castro Alves. São nesse dia religiosamente evocados pela alma brasileira. (*Correio de Sorocaba*, n. 1223, 14 de maio de 1936)

Em outro artigo do mesmo jornal, de 12 de maio de 1930, constatamos percepção semelhante sobre o papel dos abolicionistas e que, provavelmente, perdurou por toda a década.

Treze de Maio é a data que invoca a nobreza dos vultos do 2.º Império: Rio Branco, Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa, João Alfredo, Gama, Patrocínio e tantos e tantos outros homens de uma envergadura cívica

que ainda serve de modelo as gerações praticias. A cruzada abolicionista não representa apenas a liberdade da raça negra. Mais do que isso – já não pouco – significa a salvação do nome brasileiro, até então maculado, dentro da refulgência de suas muitas glórias, pelo negrume de uma instituição abominável, a escravatura, numa época em que nenhum paiz do mundo tolerava a opressão das raças estacionarias, antes lutavam todos por chamal-as á luz da civilização, guiando-as sob lemmas liberaes para incorporal-as á parte livre da humanidade, num amplo movimento de fraternidade universal.

O Brasil foi o ultimo paiz a dar o passo nesse ramo, fazendo-o tardia-mente, é certo, mas ainda a tempo de bater aos humbraes do século XX, alliviado da carga immensa e triste que lhe curvava a cerviz.

A victoria moral foi effeitos salutaes e, pelo lado economico, só vantagens trouxe a abolição franqueando o paiz ao forasteiro que desejas-se adoptal-o como segunda pátria.

A data, pois, é de uma significação bem grande para o povo nacional. Representa o passo de que resultaram novos avanços entre elles a mudança do regime.

As datas históricas proeminentes já têm, em todo o Brasil, o condão de accender enthusiasmo no peito de nossa gente.

Sahimos da fase de apathia cívica com que friamente relembramos as ephemerides máximas da Pátria.

Desde que Bilac inflamou o coração da mocidade, apontando o caminho do patriotismo verdadeiro, praticado na escola e na caserna, nossa terra como que ressurgiu das cinzas de suas glórias, entre as quaes modornava o nosso valor cívico.

O Brasil reergueu se, educou-se melhor, lembrou com mais carinho factos e vultos históricos, comprenetrou-se melhor, de seus deveres de nacionalismo, e hoje com vibrações mais vehemente, sabe que a comemoração dos feitos que nos engrandecem é tambem um dos meios efficientes de construir a grandeza desta terra de opulências inegalaveis. (*Correio de Sorocaba*, 12 de maio de 1930)

Ainda sobre as comemorações no espaço escolar, consultando o jornal *O Grêmio* n. 36, v. 7, abril de 1938, da responsabilidade do Grêmio Varhagem, da Escola Estadual e Escola Normal, constatamos que no programa do Grêmio continha a participação das escolas nas comemorações do Treze de Maio.

13 de Maio

O Grêmio Varhagem, em cumprimento ao seu programa cívico, reafirmado na plataforma que o presidente Moreira apresentou por ocasião das eleições, deseja participar intensamente dos festejos comemorativos de 13 de Maio. (*O Grêmio*, n. 36, v. 7, de abril de 1938)

São trechos que num primeiro momento parecem contrariar informações de que o Treze de Maio não era festejado com intensidade nas escolas. Na pesquisa não nos foi possível averiguar essa contradição de informações por falta de fontes que esclarecessem a que tipo de comemoração *O Grêmio* se refere. No entanto, o registro é necessário para mostrar que a data não estava totalmente ausente da escola.

No seu depoimento, a Sr^a. Ondina Seabra, por sua vez, pouco se lembra do Treze de Maio na escola e também dá indícios de que se enfatizava a Princesa Isabel como redentora dos escravos e os abolicionistas na abolição da escravatura.

O Treze de Maio era lembrado somente nas datas, ou na ocasião das aulas de história.

Na data Treze de Maio na classe falava-se um pouco mais da Princesa Isabel, como redentora dos escravos, e dos abolicionistas, entre eles, José do Patrocínio, Rebouças, Joaquim Nabuco, e Luis Gama. (Depoimento, 28/4/2005)

Entretanto, como o regulamento da Instrução Pública de 8 de setembro de 1892 instituía o Treze de Maio como feriado escolar, fomos buscar explicações sobre os motivos da retirada da data do calendário escolar.

Segundo autores que estudaram as comemorações cívicas do período de 1930, esse fato ocorreu com a política nacionalista do Estado Novo do governo Getúlio Vargas, que, por sua vez, desencadeou várias ações, entre elas, a reelaboração do calendário de cerimônias públicas no qual se articulavam as idéias de ordem, solidariedade, disciplina e modernidade.

Adriana Vianna e Maurício Parada descrevem como, por meio de um calendário de festas comemorativas, o governo Vargas procura construir a unidade do Estado Nacional ameaçado pelo levante comunista e, ao mesmo tempo, romper com as idéias construídas na Primeira República.

Logo após a chamada "Intentona Comunista" de 1935 – tomada como momento crítico de ameaça à unidade nacional – pode-se notar uma

certa intensificação das práticas comemorativas do Estado brasileiro, ao mesmo tempo em que também se aprofundam as tendências que apontam para um modelo de Estado forte. Ao longo dos anos seguintes será ampliado o calendário de festas cívicas nacionais. Algumas comemorações, anteriores a essa data, vão se tornar mais espetaculares, enquanto outras, criadas nesse período, já nascerão grandiosas.

Este calendário começa a ser estruturado em 1936 e sua forma acabada pode ser encontrada já em 1938. Sua linha do tempo compreendia as seguintes comemorações: o dia de Tiradentes em 21 de Abril; o 1º de Maio, dia do trabalho; a Semana da Pátria, um conjunto de comemorações realizadas ao longo da primeira semana de setembro que incluía, além do desfile militar em 7 de setembro, o "Dia da Juventude" e a "Hora da Independência"; o "Dia da Revolução Brasileira", em 10 de novembro; a proclamação da República, em 15 do mesmo mês; e por fim, no dia 19 ainda em novembro, o "Dia da Bandeira". Cada comemoração tem uma trajetória própria durante o período, cada uma com seu público, sua pedagogia e seus temas próprios. (Vianna e Parada, 2005, p. 1)

Com a estruturação do calendário oficial nacional, o Treze de Maio, por estar relacionado aos ideais republicanos e, conseqüentemente, à história da luta abolicionista, foi retirado do calendário escolar, ação que prenuncia a ideologia do Estado Novo. Um Estado que rompe com as idéias construídas na Primeira República, período identificado pelos autores do pensamento social da época como um momento de decomposição da autoridade política e de esgotamento das fórmulas de consenso nacional. A Revolução de 30 e, principalmente, o Estado Novo teriam como projeto político fundar um novo começo, uma nova sociedade e um novo Estado, uma vez que esses se apresentavam corrompidos pela tradição liberal.

O principal erro do liberalismo teria sido, então, defender o dissenso como o elemento central da idéia de democracia. Concebido dessa forma, o modelo democrático provocaria a desagregação da comunidade política nacional, alimentando conflitos regionais e setoriais e inviabilizando qualquer forma de governo. Assim sendo, a construção de um Estado verdadeiramente nacional deveria opor-se a essa tendência desagregadora, afirmando a unidade em todos os aspectos políticos e sociais.

É importante destacar as modificações inseridas no calendário que passou a vigorar, tais como a inclusão de algumas datas e a exclusão de

outras. Entre elas, o alargamento do Sete de Setembro, transformado em Semana da Pátria, e as festas de novembro, como o Dia da Bandeira e o Aniversário do Estado Novo, novidades acrescentadas a partir de 1937. Enquanto isso, datas relacionadas à tradição republicana de 1889 foram eliminadas, como o Vinte e Quatro de fevereiro, que comemorava a promulgação da Constituição de 1891, o Treze de Maio, que estava relacionado à luta abolicionista e era comemorado como dia da Fraternidade Nacional, e o Quatorze de Julho, que remetia à história francesa dos primeiros momentos da República e que era comemorado como dia da Liberdade e Independência das Américas (Vianna e Parada, 2005, p. 1).

A nosso ver, a retirada da data Treze de Maio do calendário nacional é um dos fatores que influíram na ausência de que ele seja memorado nas escolas da década 1930 na cidade de Sorocaba, uma vez que as ações das instituições escolares sofriam um forte controle do Estado. Órgãos como o Ministério da Educação, secretarias estaduais e municipais de educação serão de fundamental importância na implementação da ideologia nacionalista do Estado Novo getulista. Adriana Vianna e Maurício Parada comentam os valores que deveriam ser propagados por meio das festas cívicas:

Nessas festividades, os participantes são os jovens estudantes, matriculados no sistema de ensino público e privado. São cerimônias civis e de uma população específica, ainda em processo de aprendizagem, que incorpora de forma intensa a pedagogia do desfile cujos temas valorizam as idéias de disciplina, solidariedade com a comunidade nacional, ordem, saúde e modernidade (Vianna e Parada, 2005, p. 1).

Entretanto, o conhecimento da ideologia da construção da identidade nacional, tal como se configura no calendário nacional no período "varguista", requer ainda muitas pesquisas.

Concluimos que as instituições escolares de Sorocaba em 1930 participaram da política ideológica do Estado Novo, de forma estratégica na divulgação da ideologia do Estado nacional, que trazia como proposta a construção de um consenso coletivo, ou seja, a moralidade para a superação do individualismo e partidarismo liberais.

Nesse contexto, a apropriação da memória do Treze de Maio nas instituições escolares é crivada pelos valores impostos pela ideologia de Estado, engessador do que vai ser transmitido e ensinado. Por sua vez,

o argumento usado pelo Estado Novo para justificar a retirada da data Treze de Maio do calendário nacional fortalece o entendimento de que a Abolição foi resultado da vontade do Estado monárquico e do movimento abolicionista brasileiro. Entretanto, como registrar minimamente a memória desse processo?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que há uma disputa pela preservação e apropriação da memória histórica, da Abolição, representada pela data Treze de Maio. Porém, nessa disputa histórica, a população negra sempre esteve presente, como procurou demonstrar nossa pesquisa com relação à Frente Negra Brasileira de Sorocaba. No outro lado dessa disputa está a intervenção do Estado, governo de Getúlio Vargas, nas instituições escolares. Posteriormente, em especial a partir da década de 1970, essa disputa ocorre entre o movimento negro brasileiro e também o Estado. Como resultado, o Treze de Maio é substituído pelo dia Vinte de Novembro, dedicado a Zumbi dos Palmares.

Nosso estudo mostrou que o Treze de Maio é um instrumento de agregação da população negra, não só para comemorar a libertação, mas também representa um momento para se refletir a situação socioeconômica da população negra no Brasil.

A propósito, nas ações da Frente Negra Brasileira percebe-se uma luta constante contra a exclusão da população negra, principalmente na educação, exemplo disso é a criação de escolas (*O Repórter*, 15 de maio de 1932) em um momento no qual a população negra se encontra alijada da escola.

Entendemos que a memória do Treze de Maio como referência à abolição dos escravizados no Brasil é disputada ao longo da história por "dominantes" e "dominados", e a data se torna importante símbolo de dominação, por isso defendemos que essa data deva ser pensada numa perspectiva de sua reconstrução histórica e ideológica. É preciso rever os conceitos e a ideologia do Treze de Maio e reescrever a história da Abolição como resultado também de um longo processo de lutas do negro brasileiro e da população consciente contra o regime escravista.

Procuramos, neste estudo, trazer alguns elementos que consideramos relevantes para a reconstituição da história da população negra de

Sorocaba e do Brasil, mas, de modo algum, pretendemos ter esgotado o tema. Abrimos perspectivas para que o tema continue a ser pesquisado e reinterpretado, considerando a sua importância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, C. M. M. de. *Abolicionismo Estados Unidos e Brasil: uma história comparada*. São Paulo: Annablume, 2003.
- _____. *Anti-racismo e seus paradoxos: reflexões sobre cota racial, raça e racismo*. São Paulo: Annablume, 2004a.
- _____. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites Século XIX*. 2. ed. São Paulo, Annablume, 2004b.
- BARBOSA, M. (org.). *Frente Negra Brasileira: depoimentos/entrevistas e textos*. São Paulo: Quilombhoje, 1998.
- GUIMARÃES, A. Sérgio. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Editora 34, 2002.
- MUNANGA, K.; GOMES, N. L. *Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos*. São Paulo: Global; Ação Educativa, 2004.
- PINTO, R. P. *O Movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. São Paulo, 1993. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo.
- VIANNA, A. R. B.; PARADA, M. B. A. *Infância e nação em desfile: o desfile da juventude e hora da independência 1936/1937*. Disponível em: <www.file:///C:/desfilescolares>. Acesso em: 4 abr. 2005.